

Imagens da Revolução Mexicana em *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo, e *Como agua para chocolate* (1989), de Laura Esquivel

Doutoranda Kátia Rodrigues Mello Miranda¹ (UNESP)

Resumo:

Os romances mexicanos Pedro Páramo (1955), de Juan Rulfo, e Como agua para chocolate (1989), de Laura Esquivel, possuem uma relevante característica comum: são ambientados na época da Revolução Mexicana (1920-1940). Cada narrativa confere à sua abordagem aspectos particulares, resultando em imagens distintas de um mesmo período histórico. Diante disso, o trabalho pretende realizar uma leitura comparada dos romances, visando à discussão sobre como a Revolução Mexicana é apresentada em cada um.

Palavras-chave: Literatura Hispano-americana, Juan Rulfo, Laura Esquivel, Revolução Mexicana, Guerra Cristera.

1 Introdução

No âmbito dos estudos da literatura hispano-americana, as obras de que trata o presente trabalho dispensam longas apresentações. Publicada em 1955, *Pedro Páramo* é uma das narrativas de maior relevo não só da literatura mexicana, mas latino-americana, e *Como agua para chocolate*, de 1989, tornou-se *best seller* e teve versão cinematográfica de grande êxito, em 1992. O cotejo dessas obras se permite, dentre outros aspectos, por ambas terem em comum o tempo de sua ação no período da Revolução Mexicana (1910-1940), fato histórico mais importante do México no século XX. Sendo assim, pretende-se aqui comentar como são apresentadas em cada um dos romances as imagens desse momento histórico.

2 A Revolução Mexicana em *Pedro Páramo*

Em *Pedro Páramo*, observa-se uma estrutura episódica em que, ao invés de capítulos, há fragmentos sem títulos, cujo conteúdo, pelo aparente esfacelamento cronológico, provoca estranhamento e comprometimento da causalidade, resultando numa leitura preliminar complexa. No entanto, a partir do exame mais cuidadoso de pistas existentes na narrativa, é possível estabelecer um paralelo cronológico entre dados ficcionais e fatos da história do México, permitindo uma melhor organização e inteligência das passagens. Essas pistas são reveladas por meio de referências escassas e, por vezes, indiretas à Revolução Mexicana e à Guerra Cristera (1926-1929).

A primeira referência à Revolução se dá no 44º fragmento da narrativa, em que Pedro Páramo comenta sobre o momento e os motivos que trouxeram Susana San Juan e seu pai de volta a Comala: “*Ya para entonces soplaban vientos raros. Se decía que había gente levantada en armas. Nos llegaban rumores. Eso fue lo que aventó a tu padre por aquí. No por él, según me dijo en su carta, sino por tu seguridad, quería traerte a algún lugar viviente*” (RULFO, 2007, p. 139).

Considerando que os “*vientos raros*” remetem ao princípio da Revolução, e que esta se inicia em 20 de novembro de 1910, Susana teria voltado a Comala nos primeiros anos do conflito. Em novembro de 1911, o importante chefe revolucionário Emiliano Zapata (1879-1919), que atuava no sul do país, promulga o *Plan d’Ayala*, plano essencialmente agrário, o qual “proclama que todas as terras, bosques e águas açambrados pelos *hacendados, políticos e caciques* devem ser devolvidos às comunidades rurais e defendidos de armas em punho” (NUNES, 1980, p. 75). Tal fato intensificou a ação revolucionária no centro-sul do país, o que provavelmente contribuiu para a movimentação de pessoas em busca de lugares mais seguros.

Se Susana retorna a Comala por volta de 1911, tendo deixado a região trinta anos antes, quando adolescente, no momento em que regressa deve ter pouco mais de quarenta anos, assim como Pedro Páramo. Partindo desta hipótese, o nascimento e adolescência de Pedro Páramo e Susana, ocorridos, respectivamente, nas décadas de 1870 e 1880, coincide com o Porfiriato (1876-1911), período de governo de Porfirio Díaz (1830-1915), que assinala uma importante etapa da história mexicana, marcada por um regime ditatorial, que causava o descontentamento geral do povo e acabou desencadeando a Revolução.

Nascido e crescido no período do Porfiriato, Pedro Páramo é herdeiro de seus costumes. Após a morte do pai, ele passa a ser dono das terras da família e de outras que usurpou, tornando-se cacique, uma instância extra-legal de poder, comum no México de Porfirio Díaz. Na região em que se situa a fictícia Comala, estado de Jalisco, no centro-sul do México, a economia era desfavorecida e predominava a agricultura, propiciando a presença de caciques.

Nesse âmbito, é interessante observar que a Revolução Mexicana foi, em princípio, um movimento contra o governo de Porfirio Díaz, em que os camponeses eram prejudicados. O governo, sob o ideal de capitalização do país, privilegiava os poderosos e fazia vista grossa para a ação de caciques e fazendeiros, que submetiam os camponeses – que, na época, representavam a maioria da população – a situações conflitantes e desvantajosas, em que geralmente tinham suas terras expropriadas. Essa situação é observada na narrativa: o administrador da fazenda, Fulgor Sedano, a mando do patrão, mata Toribio Aldrete, com quem o pai de Pedro Páramo tinha pendente uma questão de irregularidade na divisa de terras, que beneficiava o cacique. Tal fato põe em evidência a discussão da propriedade da terra, cuja luta foi encabeçada por Zapata, que reivindicava a devolução das terras usurpadas por latifundiários e caciques, como Pedro Páramo.

Em decorrência da aproximação e consequente ameaça dos revolucionários, Pedro Páramo, no intuito de resguardar suas terras, insere na luta seu empregado Tilcuate, através de quem passa a ter o controle da situação revolucionária, denotando que seu poder despótico não foi alterado pela Revolução. O cacique recebe de modo ameno e aparentemente servil os revolucionários que vêm até sua fazenda, tratando-os de “*patrones*”; ele lhes oferece dinheiro e trezentos de seus homens, e, com isso, neutraliza a ação revolucionária em seus domínios.

Tilcuate se junta ao exército villista e deixa claro que, seguindo as ordens do patrão, sempre fica ao lado dos que estão em vantagem na luta armada. Ele também pede dinheiro a Pedro Páramo, que, além de negar, incentiva-o a praticar assaltos, isentando-se do compromisso assumido inicialmente com os revolucionários, de dar-lhes dinheiro, e, ao mesmo tempo, deixando claro que considerava a Revolução uma oportunidade para ação violenta e saqueios. Além disso, a postura de Pedro Páramo remete ao caráter fragmentário da luta revolucionária, que, por ter muitos chefes, com interesses diversos, e, assim, não apresentar um movimento uniforme e coeso, revelava pontos frágeis.

O fragmento 66, embora seja composto por um diálogo bastante sucinto entre Pedro Páramo e Tilcuate, abrange um período aproximado de onze anos: de 1915, quando obtém êxito a facção carrancista, a 1926, ano em que se inicia a Guerra Cristera. Esta inferência se faz possível a partir da menção aos oficiais revolucionários Venustiano Carranza (1859-1920) e Alvaro Obregón (1880-1928), e ao fato de Tilcuate, tendo passado pelas diversas etapas da Revolução, integrar-se à Guerra Cristera, não pelo ideal que impulsiona a luta, mas pelo estado de euforia em que se encontrava, após anos em ação. Desse modo, fica inscrita no romance uma crítica à falsa religiosidade e à fraqueza dos ideais de luta por parte daqueles que empunhavam as armas.

A Guerra Cristera foi a última das revoltas camponesas, ocorrida como um dos desdobramentos da Revolução Mexicana, cuja etapa armada se findou em 1920, mas que continuou gerando conflitos dispersos. Em reação à prática tardia de alguns artigos anticlericais da Constituição de 1917, que limitavam a influência do clero na sociedade mexicana, a Igreja decidiu suspender os cultos e fechar os templos, provocando a insatisfação de alguns oficiais religiosos e camponeses católicos, que se rebelaram em luta armada contra o Estado. Os conflitos aconteceram no centro-sul do México, com maior incidência no estado de Jalisco, cuja população era

violentamente atacada pelos rebeldes e que, após os anos de luta, ficou devastado. Foi justamente nesse território tão afetado que Rulfo situou sua imaginária Comala e onde o autor passou sua infância, vivenciando as consequências da rebelião.

A morte do cacique acontece entre 1926 e 1927, ou seja, coincide com o início da Guerra Cristera, que é o último levante ocorrido em consequência da Revolução Mexicana, marcando o fim da luta armada e, ao mesmo tempo, anunciando um novo período da história do México: o governo de Lázaro Cárdenas (1895-1970), de 1934 a 1940.

3 A Revolução Mexicana em *Como agua para chocolate*

Diferente de *Pedro Páramo*, *Como agua para chocolate* apresenta uma organização simples, que permite uma leitura mais fluida. O romance é estruturado em doze capítulos, correspondentes ao meses ano, que levam, cada um, o nome de uma receita, explicada e preparada ao longo do capítulo, juntamente à narração dos fatos a ela associados. Assim como em *Pedro Páramo*, não são especificadas datas, mas estas podem ser inferidas também a partir de referências à Revolução Mexicana, que no romance de Esquivel acontecem de modo mais constante e direto.

Como agua para chocolate apresenta a história de Tita, caçula de três irmãs, fadada a cumprir uma tradição familiar que obriga a filha mais nova a ficar solteira para cuidar da mãe. No entanto, a protagonista, contrariando o comportamento das mulheres de sua época, empreende uma trajetória de luta contra a tradição castradora, e, após viver várias situações de intenso sofrimento, contestação e revolta, consegue assistir à ruptura dessa tradição.

Tita vive com a mãe e as duas irmãs no rancho de sua família, situado na área rural da cidade de Piedras Negras, estado mexicano de Coahuila, na fronteira com o estado norte-americano do Texas. Sob o domínio de Pancho Villa (1878-1923), a região norte foi palco de grandes enfrentamentos, e, dessa forma, acarretou à sua população sofrimento e violência. No final do século XIX, muitos norte-americanos se estabeleceram nessa região, que era economicamente mais favorecida que as demais – e, por isso, também mais afetada pela Revolução – e que também apresentava maior desenvolvimento industrial, devido aos negócios existentes entre México e Estados Unidos.

No tocante à presença da Revolução na narrativa, é possível observar diversas passagens que enfatizam o terror vivido pela população, diante de tiroteios, mortes, e escassez de alimentos. A presença de revolucionários e federais na cidade representava perigo e havia a ameaça de ataques dos exércitos às propriedades, que eram saqueadas e cujos moradores eram alvo de violência. Assim, em *Como agua para chocolate* a Revolução Mexicana é mostrada de forma mais direta e incisiva que em *Pedro Páramo*.

A primeira referência à Revolução acontece no capítulo II, em que Pedro, o grande amor de Tita, e Rosaura, irmã mais velha da protagonista, se casam. Ao comentar os preparativos para o casamento, a narradora afirma: “[...] *habían tenido suerte en haber podido conseguir seda francesa en esas épocas de inestabilidad política. La revolución no permitía que uno viajara de manera segura por el país* (ESQUIVEL, 2009, p. 33). Desse modo, fica claro que a Revolução limitava a circulação das pessoas pelas cidades, dificultando as condições de vida.

Com relação às datas em que ocorrem os fatos, a partir elementos da narrativa, é possível fazer inferências. No primeiro capítulo, há a informação de que, no Natal em que conheceu Pedro, Tita tinha quinze anos, e, quando anunciou à mãe que ele viria pedir sua mão, estavam preparando tortas para a comemoração dos dezesseis anos que completaria no dia seguinte. No entanto, Mamá Elena combina o casamento de Pedro com Rosaura, que era a filha mais velha, o qual acontece em janeiro do próximo ano, quando, então, Tita tinha dezesseis anos. Como o casamento ocorre na etapa armada da Revolução – entre 1910 e 1920 –, e Tita então tem dezesseis anos, é possível situar seu nascimento na década de 1890.

No terceiro capítulo, Gertrudis, a irmã do meio, foge do rancho com um capitão do exército villista. Mamá Elena exige uma explicação para o sumiço da filha, e Tita, para proteger a irmã,

conta uma versão diferente, “[...] *en la cual, los federales, a los que Tita aborrecia [...] habían raptado a Gertrudis*” (ESQUIVEL, 2009, p. 55). Tal versão expressa a postura de Tita contra os federais, o que é compreensível, já que sua família possuía um rancho e os federais lutavam pelos defensores do sistema que oprimia os proprietários rurais.

Alguns acontecimentos narrados no capítulo IV corroboram a incidência da Revolução na vida das pessoas daquela região. Rosaura estava prestes a dar à luz seu primeiro filho e Pedro foi a Eagle Pass, cidade do Texas próxima da divisa, buscar o médico para fazer o parto. No entanto, os federais capturaram-no, mesmo que ele nada tivesse a ver com a luta. Na mesma ocasião, Mamá Elena e a empregada Chenchá também tinham ido à cidade, para comprar mantimentos, e não puderam regressar ao rancho devido a um tiroteio, que as obrigou a acolherem-se na casa de conhecidos. Dias depois, a ama-de-leite do filho de Rosaura, indo à cidade visitar a família, foi morta num tiroteio entre rebeldes e federais.

Considerando a hipótese de o casamento de Pedro e Rosaura ter ocorrido no início da Revolução – possivelmente em 12 de janeiro de 1912 –, o nascimento do primeiro filho deles, que ocorreu um ano depois do casamento, teria sido em 1913, quando o presidente do México era Francisco Madero (1873-1913). Esse período foi marcado pela violenta oposição ao governo de Madero, causando revoltas que afetaram sobretudo os estados do norte do país (BARBOSA, 2007, p. 4). Em 1913, após um golpe contra Madero, iniciou-se o governo de Victoriano Huerta (1850-1916) (BARBOSA, 2007, p. 5). Venustiano Carranza (1859-1920), então governador do estado de Coahuila, não reconhecendo o governo de Huerta, travou um conflito que resultou em mais uma fase bastante violenta da Revolução. Com base nas informações textuais, possivelmente a região onde vivia a família de Tita estaria vivenciando tais acontecimentos.

No capítulo IX, Gertrudis visita a família, junto a seu capitão e a uma companhia de revolucionários; no final do capítulo X eles precisam partir do rancho às pressas porque “*le habían llegado órdenes de atacar Zacatecas*” (ESQUIVEL, 2009, p. 175). Esse episódio histórico se passou em 1914, quando houve vários acontecimentos importantes no contexto da Revolução: Villa e Zapata assinaram um acordo unindo suas lideranças (NUNES, 1980, p. 93; CORRÊA, 1983, p. 91), e Villa e Carranza se desentenderam, do que resultou a invasão do estado de Zacatecas, em junho de 1914, pelo exército comandado por Villa.

No último capítulo, acontece o casamento de Esperanza, filha de Rosaura e Pedro. Rosaura, reproduzindo a postura da então falecida Mamá Elena, queria que a filha cumprisse a tradição familiar. No entanto, Tita, que já havia sofrido por ter sido impedida de casar-se, não aceitou que Esperanza tivesse a mesma sorte e passou a interceder pela ruptura da tradição. Descordando que as coisas fossem diferentes, Rosaura, que sofria de graves problemas digestivos, não resiste e morre. Um ano depois, Esperanza se casa.

Também no último capítulo, há a informação de que haviam se passado vinte e dois anos do casamento de Pedro e Rosaura, e que, na festa do casamento da sobrinha, Tita, “*a sus 39 años aun seguía fresca y rozagante como un pepino recién cortado*” (ESQUIVEL, 2009, p. 201). Esses números, somados a outras pistas da narrativa, permitem deduzir algumas datas. Quando Gertrudis veio visitar o rancho com os revolucionários, em 1914, Esperanza era recém-nascida, e nessa mesma época se iniciou o caso entre Tita e Pedro, que durou vinte anos; assim, o casamento de Esperanza aconteceu por volta de 1934, quando o México vivia um período de maior tranquilidade sob o governo de Lázaro Cárdenas, em que as propostas da Revolução estavam finalmente sendo postas em prática. Portanto, com 39 anos em 1934, Tita nasceu em 1895 e conheceu Pedro em 1910 – quando ela tinha 15 anos –, ano em que também teve início a Revolução Mexicana.

Conclusão

Em síntese, tentou-se demonstrar aqui como são delineadas as imagens da Revolução Mexicana nos romances em estudo. O romance de Rulfo tem sua ação aproximadamente entre a década de 1880, quando Pedro Páramo é um adolescente, e a de 1930, quando seu filho Juan

Preciado chega em Comala, de modo a abranger o período do Porfiriato, passar pela Revolução e se concluir com a Guerra Cristera. A narrativa de *Como agua para chocolate* se inicia em 1910, quando Tita e Pedro se conhecem, passa pelo fim da luta armada – 1920 – e chega a 1934, ano em que Esperanza se casa, ou seja, se desenvolve do ano inicial da Revolução, até o começo do governo de Cárdenas, que muitos historiadores consideram o fim da etapa revolucionária, já que só então as propostas da Revolução começaram a ser praticadas.

Em *Pedro Páramo*, a Revolução não afeta de modo incisivo a realidade do povoado, o qual continua sob a dominação do cacique, ao contrário do que acontece em *Como agua para chocolate*, que, por ter sua ação no norte do país, campo primordial da desenfreada ação villista, assistiu e vivenciou intensamente o conflito. É com a Guerra Cristera que o estado de Jalisco, onde se situa a fictícia Comala, é gravemente abalado. No entanto, a condenação desse povoado específico não é determinada pelos efeitos da rebelião, mas pela ação ilimitada e tirana do cacique Pedro Páramo, que impõe ao povo de Comala medo, terror e violência, semelhante ao que a Revolução ocasiona à população do norte, em *Como agua para chocolate*.

O romance de Rulfo apresenta o retrato dos efeitos devastadores do sistema de caciquismo, sustentado por um poder despótico, que teve seu auge no Porfiriato e que mesmo com a Revolução poderia continuar, em várias regiões. A morte de Pedro Páramo, no entanto, simboliza o desmoronamento da estrutura patriarcal vigente, determinando o fim da era dos caciques. Assim, o declínio de Pedro Páramo e, por conseguinte, de Comala, corresponde ao movimento histórico do México, do Porfiriato ao governo de Cárdenas: Pedro Páramo e Comala não subsistem a esse movimento porque o tipo de estrutura que representam diverge do México pós Guerra Cristera, que apresentava um sistema de governo diferente, em que não havia espaço para a ação de caciques. Portanto, o destino de Pedro Páramo é congruente ao do país: o México que se nutriu do porfiriato começa a declinar em 1910 e sucumbe na década de 1930.

Quando Juan Preciado chega a Comala, após o término da Guerra Cristera e a morte de Pedro Páramo, o que encontra é uma terra ausente de vida e perspectivas; mesmo o fim de Pedro Páramo não é capaz de trazer esperança para o povo, simplesmente porque não há mais povo. Diante disso, depreende-se da narrativa de Rulfo uma imagem pessimista e negativa da Revolução, cuja luta teria sido vã, ao menos para Comala, para a qual não há salvação.

Em *Como agua para chocolate*, a revolução pessoal de Tita acompanha cronologicamente a Revolução Mexicana: se inicia em 1910, quando ela se apaixona por Pedro e é impedida de casar-se, e se conclui em 1934, quando, após muitos conflitos, a protagonista assiste à ruptura da tradição familiar, simbolizada pelo casamento de sua sobrinha. Dessa forma, fica assinalada a vitória da revolução pessoal de Tita na mesma época em que as transformações sociais reivindicadas pela Revolução começaram a acontecer.

Assim como o processo de modernização do México foi complexo, custando aos país uma Revolução social, a ruptura da tradição familiar custou a Tita uma revolução pessoal. Como resultado, tanto a revolução social quanto a pessoal, delineadas no romance de Esquivel, geram benefícios: a Revolução Mexicana, na implementação de algumas de suas propostas, e a revolução de Tita, na conquista da liberdade de escolha, legada à mulher. De tal maneira, prevalece uma imagem positiva do processo revolucionário em ambas esferas – pessoal e social –, valorizando a transformação e ruptura com o antigo e opressor, e deixando a esperança – não por acaso o nome da sobrinha-neta de Tita – de uma época de maior liberdade e paz.

Enfim, o romance de Rulfo deixa da Revolução uma imagem negativa, pois põe em evidência, através da figura de Pedro Páramo, o sofrimento e a destruição de um povoado, sem que haja benefícios. Já o romance de Esquivel apresenta uma imagem positiva, uma vez que a Revolução culmina na modernização do país e na vitória pessoal de Tita.

Referências Bibliográficas

- 1] BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *20 de novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São

Paulo: Nacional: Lazuli, 2007.

2] CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana: 1910-1917*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

3] ESQUIVEL, Laura. *Como agua para chocolate*. 14. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2009.

4] NUNES, Américo. *As Revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

5] RULFO, Juan. *Pedro Páramo*. 20. ed. Madrid: Cátedra, 2007.

i Doutoranda Kátia RODRIGUES MELLO MIRANDA

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP)

katiarmello@yahoo.com.br